

# Gaiato

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

4 de Janeiro de 1997 • Ano LIII - N.º 1378  
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa  
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

## Cinquenta e sete anos

**E**STA é a edição em que, ano após ano, se recorda a efeméride: o 7 de Janeiro de 1940 em que a Obra da Rua foi dada à luz, após longa gestação nas ruas de Coimbra — o que justifica o nome que Pai Américo lhe deu.

Quando os empreendimentos dos homens são autenticamente de Deus, tudo começa por uma vida escondida, que parece tempo perdido aos olhos superficiais do mundo; mas, para quem os tem postos na Eternidade, é o tempo fecundo de um acumular de energia potencial que vai garantir o dinamismo do depois, quando Deus fizer soar a hora em que a vida deve aparecer.

Se na própria Natureza acontece assim — milhões de anos para se constituírem as reservas de carvão, de petróleo, de minérios, que ontem se descobriram e são hoje o fundamento principal da actividade e riqueza dos homens — que admira que assim seja na ordem da Sobrenatureza em que a Salvação é a meta e a Eternidade o Hoje sem fim para que todos os homens nasçam?!

Vida escondida... Jesus demorou nela trinta anos e só então apareceu para realizar em três a Missão que o Pai lhe cometera.

Maria é a Imagem perfeita entre os homens da Esperança Activa em que vive desde a Anunciação até ao pé da Cruz onde retomou o Filho nos braços. Ali e então, realiza plenamente a co-Redenção a que fora destinada. E todos os Santos consumaram o seu carisma, só depois de uma preparação mais ou menos longa, às vezes, passando, até, por um período de sinal contrário, como Maria Madalena e Paulo e Agostinho e Carlos de Foucauld e tantos...

Continua na página 4



# Porto - Património Mundial

## RIBEIRA • BARREDO • BAIRRO DA SÉ

**T**ODOS os sinos da Cidade tocaram festivamente a acolher a alegre notícia: a UNESCO reconheceu o centro histórico da Cidade como Património Mundial. A vida parece ter parado com tão desejada notícia que a todos alegrou. Também tivemos vontade de ir ao aeroporto abraçar o Presidente da Câmara.

Já as visitas do Presidente da República e depois do Primeiro Ministro tinham alertado os habitantes daqueles bairros para as melhorias que iriam ser feitas. Vimos muitos rostos às janelas e pessoas às portas com gritos de esperança e desabafos enternecedores.

Pai Américo, se ainda fosse vivo, alegrar-se-ia com a honrosa notícia, mas não deixaria de gritar como naquele tempo:

«Começo a subir os degraus do Barredo que vão dar à Sé. São, na verdade, muitas escadas; granito polido dos séculos; debruçam-se casas de lado a lado, com roupas estendidas nas sacadas. As crianças enxameiam. Pensei na multidão de homens que esperam a sua derradeira hora debaixo dos telhados sujos do Barredo...

O Barredo é bonito. Com as suas ruas tortuosas; seus cachorros de granito e varandas de ferro batido; seus largos; seus nichos e 'alminhas' — o Barredo é bonito. Se dentro das casas houvesse pão, a escarpa do Barredo poderia ser mostrada. Assim, tem de ser escondida.

Eis-me no largo da Sé. Dantes morava todo o mundo em redor das catedrais. Hoje, só lá habita a miséria.

Estou agora em plena Ribeira. Mais vielas. Mais buracos. Como se há-de

debelar o mal maior de Portugal? Eu sei como é, mesmo sem estudar: casas, casas, casas.

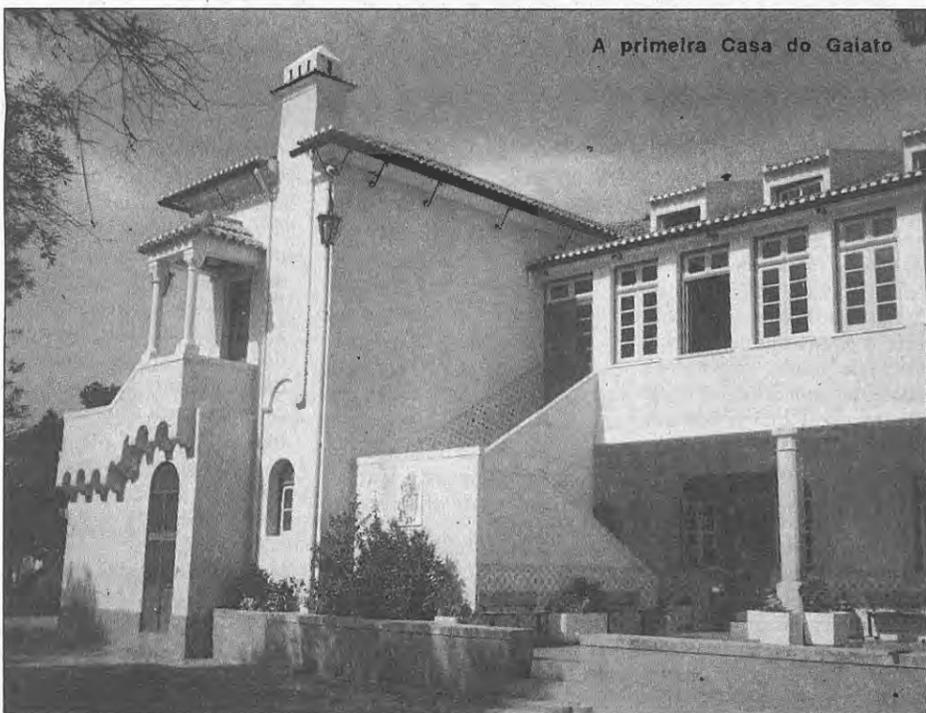
Eu já sabia que ali é lugar de mártires, de heróis, de santos; mas um tamanho, não!»

A voz de Pai Américo ainda é do nosso tempo. Ficámos encantados com tão honrosa notícia, mas não fiquemos só nos encantos dos monumentos de arte. Esses também devem ser restaurados e conservados. Mas entre esses, geralmente escondidos e ignorados, continua a haver muitas habitações degradadas à espera de quem olhe para elas e lhes dê remédio para a sua doença. São também monumentos.

Os nossos pequenitos, que nos têm vindo daqueles bairros, trazem bem impressos, na sua vida, os sinais da degradação do viver daquela gente. Sem escola. Sem higiene. Sem hábitos de vida humana. Vidas sem vida.

Temos conhecimento que já foram restauradas muitas habitações, mas o problema parece-nos tão grave, que não pode admitir muito tempo de espera. Mãos à obra que o tempo urge e passa. Não paremos encantados. Aquele povo continua à espera de quem o ajude a sair daquela situação «heróica».

Padre Horácio



A primeira Casa do Gaiato

## Conferência de Paço de Sousa

**SUPRIR** — O tesoureiro alerta: «F. esteve com baixa três anos... e não tem pensão de reforma».

O doente era um homem de trabalho. Toda a sua vida fôra de trabalho intenso. Às vezes, por necessidade absoluta, para além do horário estabelecido.

Em suas mãos calejadas — que faziam obras d'arte — o granito não tinha segredos nem tampouco a mais rudimentar tecnologia da construção civil.

Vamos ter que suprir... materialmente. Entretanto, procuramos que a Previdência (para lá descontou muitos anos) abra caminho. Temos já na mira uma Assistente social — também ela vicentina — que faz render os seus dons ao serviço dos Outros. Apesar de tudo, mesmo com a melhor boa vontade, são problemas que demoram — no reino da burocracia.

**PARTILHA** — Assinante 57002, da Senhora da Hora, manda «para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, pequena migalha que desejo reunida a muitas outras e assim possamos suavizar, um pouco, a vida de tantos nossos Irmãos».

O assinante 20909, de Leça da Palmeira, por aqui passou, uma vez mais, com discreção, deixando um cheque de vinte mil. Trinta, da assinante 30576, do Porto, para «o Natal das famílias necessitadas». Com a mesma intenção, oferta duma senhora do Beco da Carqueja — Coimbra. Cinco mil, da assinante 7769 — «como é hábito nesta quadra».

O nosso João Luciano entrega, em nossas mãos, as sobras do custo de flores do funeral duma colega de trabalho, do Banco de Portugal, 1.250\$00. Mais vinte mil, da assinante 24801, da cidade do Porto, em vale do correio.

Lisboa, assinante 29845, da rua da República Peruana, sete mil, «pequena quantia para que também uma família pobre tenha o seu Natal mais alegre e

# Pelas CASAS DO GAIATO

confortável». Cova da Piedade: «Consoada para uma família» ajudada pela nossa Conferência, do assinante 18909.

Assinante 23312, de Avanca, cumpre «o que tenho por dever e já deveria ter feito há mais tempo», partilhando com os Pobres. Aqualva (Cacém), cheque do assinante 33337.

Mil escudos, da rua Nova de Cimo de Vila — Cesar, sublinhando «paz, carinho, amor, felicidade». Alma cheia! Dez mil, do assinante 4395, de Vila Nova de Famalicão, «com um abraço». Retribuímos. O mesmo, duma assinante de Tavira: «Peço rigoroso anonimato».

Assinante 27044, de Alvide, Cascais, marca presença com um cheque; e afirma, à laia de desabafo: «Ainda bem que me impus fazer o meu correio de Natal neste dia da Imaculada porque, pela dificuldade que tenho de escrever, vou sempre adiando». A Mãe do Céu estimula! Passa ainda, nesta procissão, a assinante 14493, da Rua da Boavista — Porto, que acentua: «Deus vos dê Forças e proteja sempre». Que bem!

Mais, por cheque, cinco contos, de Licínio. Mais três, idem, «para abrilhantar a consoada de um Pobre», da assinante 35019 — Portela da Ajuda (Carnaxide). Mais 2.500\$00, da assinante 16490, de Arrancada do Vouga, «diminuto donativo para ser aplicado no sector das necessidades mais prementes, dos que não têm emprego nem saúde para poderem trabalhar». Mais o dobro, da assinante 33617, de Figueira de Castelo Rodrigo, «pequena migalha para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de

Paço de Sousa, a qual aplicaremos ao vosso critério».

Retribuímos a todos os Amigos, os votos expressos de Santo Natal e Ano Novo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**JORNAL** — O nosso Jornal continua a ser expedido com a colagem manual dos endereços. É um trabalho demorado!

A máquina — que foi para reparar — está a fazer muita falta!

**NATAL** — Já foi o Natal, tempo de felicidade que deveria ser para todos os homens!

**VACARIA** — Recentemente nasceram duas toirinhas, uma já sem vida. Foi pena!

**ESCOLAS NOCTURNAS** — As escolas nocturnas do Ensino Básico 2 começaram a funcionar para alguns gaiatos. Não é preciso irem estudar lá fora. Assim, é melhor para nós.

**HOSPITAL** — As obras no hospital vão em bom andamento. Agora, estão a ajeitar a roupa, que ficará bonita.

Adão

**DESPORTO** — Em um de Dezembro jogámos com uns Reclusos, de Monção, que vieram disfrutar de um pouco de liberdade. Espero que venham mais vezes. Se todos jogassem como eles, os estádios estariam cheios!

Realizámos outro jogo com o Grupo Desportivo Amigos da Saudade — Esmoriz (Paredes). Uma partida limpa, mas ao intervalo já perdíamos por 4-2. Muita coisa teve que mudar. Fizemos algumas alterações na equipa e, por fim, ganhámos por 7-4.

Para marcação de jogos, é favor escrever ao Grupo Desportivo Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa — Telefone 055-752285. Falar com o «Cenoura» ou o «Albufeira».

«Albufeira»

## MIRANDA DO CORVO

**FESTAS** — Em 21 de Dezembro realizámos, em S. José, a nossa Festa de Natal

com poucas pessoas a ver-nos actuar.

**GRUPO CORAL** — Um grupo dos nossos rapazes cantou na Missa do Galo.

Novidade foi cantarmos na Igreja paroquial de Miranda do Corvo, dia 25 de Dezembro.

**VISITAS** — Em 22 de Dezembro recebemos muitas visitas de amigos, de famílias, de pessoas que desejavam conhecer a nossa Casa. Agora, agradecemos e esperamos que venham até nós, assiduamente.

**NATAL** — Já comemorámos a festa nos dois sentidos. Os nossos rapazes receberam, com alegria, as suas prendas para poderem brincar de outra forma.

**ANIMAIS** — A cadela, que se chama «Simbra», teve sete crias, mas dois filhos foram mortos porque a mãe pisou-os.

O resto dos animais (vacas, porcos, cabras e galinhas) estão bem. Dão muita vida à nossa Casa!

**SALA NOVA** — Está acabada e já tem as mesas. Acreditamos os bancos para lá comerem, no dia de Natal.

João «Pequeno»

## Crónica do Lar do Porto

Para qualquer acto existe sempre uma faceta positiva e uma negativa. A dificuldade encontra-se em saber distinguir o que está bem daquilo que está mal, já que o tipo de educação recebida varia de pessoa para pessoa. E, como em tudo, existem sempre bons momentos e momentos menos bons.

Neste momento vive-se a época natalícia, a passagem de ano; mas, geralmente, pensamos estas datas como dias de festa — amor, carinho e paz. Mas será só? Não existirá também o outro lado da fita? Ou será que somos egoístas ao ponto de ignorar tudo o resto! Quero dizer que todos nos devemos mexer para que, assim, possamos viver nesta época, momentos de esperança para podermos lembrar, pelo menos, instantes de felicidade, de alegria e de fraternidade.

Pois bem, em nossa Casa tentamos fazer passar tudo deste modo — e é o que acontece, graças a Deus. Desde o preparo dos presentes às guloseimas,

todos contribuem, tanto os mais velhos como os mais novos. Somos uma família.

Então, eu pergunto-me: — Porque não poderá a Humanidade ser uma só família e assim tentar a felicidade?!

Daniel «Cenoura»

## Refugiados

Os restos  
Que os refugiados comem  
Estão podres e mordem...  
Mordem a tua consciência.

As unhas dos refugiados  
Estão sujas e grandes.  
Sujas com a cor  
Da tua alma  
E grandes como o tamanho  
Da tua impaciência.

Os refugiados dormem  
Sob o céu aberto.  
São um espelho  
Da tua própria morte.

Os beijos dos refugiados  
São de Amor,  
Atirados com seus dedos  
Para outros refugiados  
Com terríveis medos.

Manuel Amândio

## TOJAL

**VISITAS** — No dia 21 de Dezembro recebemos alguns Rotários que nos ofereceram um jantar.

**CARAS NOVAS** — Mais dois filhos da Rua encontraram agora uma casa e uma família. O Tiago Costa, de onze anos; e o David com oito.

**OFERTAS** — Agradecemos as dádivas que temos recebido abundantes na época natalícia. Somos presenteados com muita coisa — graças ao Menino Jesus — pelas quais, repetimos, estamos gratos.

**PASSEIOS** — Agradecemos a quem tem contribuído para os passeios que alguns, de nós, temos realizado, entre os quais, a circos e teatros. Precisamos de distrações saudáveis.

**OBRAS** — A nova camarata dos tropas e a sala de espectáculos estão quase prontas. Só faltam os últimos retoques para se pôr tudo a funcionar.

**APROVEITAMENTO ESCOLAR** — As notas do primeiro período poderiam ter sido melhores — para os da telescopia e do liceu. Mas como ainda haverá mais dois períodos pela frente, nada está perdido definitivamente.

Arnaldo Santos

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** —

Este ano o Natal chegou um bocadinho mais cedo para a D. Joaquina. De Vila Nova de Gaia, veio a oferta de um televisor a cores e um cartão de boas festas com palavras bonitas. Devido ao volume, levámos o carro o mais perto possível da porta e, propositadamente, pedimos que nos guardassem a caixa enquanto íamos só arrumar o carro. Era vê-la, mão no queixo, a falar e olhos na caixa. A minha companhia não resistiu e disse-lhe: — Temos ali uma prenda de Natal para a senhora. Em três tempos desfizeram a caixa. E ela perguntou: — É para mim? Não acreditava. Depois da confirmação, ria e chorava. A Adelaide também teve de pegar no lenço e limpar os olhos. Leu a carta que acompanhava o televisor e, no fim, dá-lhe um beijo, virada para a imagem do Sagrado Coração de Jesus; e, a chorar, agradece. Dei comigo a reflectir nas palavras do nosso Padre Baptista: «É preciso bater com a testa na padieira da porta dos Pobres».

Graças a Deus que muitos dos nossos Amigos já começaram a entrar pela porta estreita dos Pobres. Que o Menino Jesus toque mais corações para que neste Natal possamos ainda ver outras D. Joaquinas a rir e a chorar.

O televisor ficou ligado, mas precisa de uma antena exterior. Dissemo-lhe que talvez apareça uma, para o efeito.

**CAMPANHA TENHA O SEU POBRE** — Cinco mil escudos, uma «migalhinha para vos ajudar nas compras de Natal».

«Que Deus vos dê saúde e paz, o que fazeis com tanto amor pelos mais necessitados» — anónimo, do Porto, com um cheque de sete mil e quinhentos escudos.

Anónimo, vinte e cinco mil escudos. «Por ser o mês de Dezembro, envio a minha contribuição um pouquinho melhorada» — cinco mil escudos. Da assinante 58452, dez mil escudos. Um cheque de vinte mil escudos e um cartão de boas festas do João. Em vale do correio, 1.500\$00. Um cheque de três mil escudos «para alguma necessidade urgente». Vinte mil escudos «para as prendas dos meninos».

Bem hajam pela ajuda que nos dão.

Adelaide e Zé Alves

## RETALHOS DE VIDA

### Rojão

O meu nome: José Tomás Cruz Rojão.

Nasci no Hospital de Setúbal, em 4 de Outubro de 1981.

(...) Começou tudo em Setúbal, ainda bebé, quando saí de casa pra rua!

Um dia, já com uns anitos, pedi que me arransassem a entrar numa instituição. Não queria estar com mais gente porque era muita mudança de «famílias».

Entregaram-me, por fim, a uma senhora solteira; mas ela não me podia ter.

E vim, a 17 de Fevereiro de 1995, para a nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa, que me acolheu para fazer de mim um homem. Vou colaborar, pois o bem é para mim.

Frequento, agora, o primeiro ano da Telescola com vista ao futuro.

Rojão



Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Dezembro: 72.400 exemplares.



BENGUELA

# Tempo de Natal

**A**S pessoas aproximam-se mais umas das outras. A bondade semeada no coração de cada um vem ao de cima. Quem dera fosse assim com todos nós!

Há dias, escutei a mensagem veiculada por um meio de comunicação social, a falar da cultura da solidariedade no seio do povo angolano. É um tema muito importante.

Até este momento, a comunidade internacional tem estendido a mão ao povo de Angola. É o mais forte a dar a mão ao mais fraco. Mas, quem deve ser o

primeiro a dar a mão? É quem está dentro. Se, entre os angolanos, as mãos dos mais fortes, as mãos dos que têm riqueza não se abrirem generosamente aos mais fracos, aos que nada têm, não haverá uma sociedade solidária onde a justiça e o amor são a alma. O que será uma sociedade sem alma? Desumana.

Ao reflectir sobre este ponto, lembrei-me, de repente, da história do mau rico e do pobre Lázaro, contada em Lc. 16,19: «*Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e cada dia se banquetava*

*com requinte. Um pobre, chamado Lázaro, jazia, à sua porta, coberto de úlceras. Desejava saciar-se das migalhas que caíam da mesa do rico...*» A falta de solidariedade do rico alimentava a miséria do pobre Lázaro.

Estamos em tempo de Natal. Celebramos o mistério da Solidariedade de Deus conosco. Deus dá o que é e o que tem. Faz-Se um de nós para que cada um de nós tenha a riqueza de Deus: a Vida. Dá por amor. Não perde nada. É tudo para o homem. Quem nos dera ricos de coração pobre, sem medo de estender a mão por

amor e justiça. Acontece que temos medo de dar por amor, porque temos medo de perder. A história das viúvas do Livro Santo — a de Sarepta, com Elias, e a do templo, diante do olhar de Jesus — fala-nos dos corações que dão sem medo. Qual o resultado: riqueza que não se esgota porque fruto da partilha.

## Angola

### a caminho da paz

Angola que estás no caminho da paz; Angola que estás no caminho do desen-

volvimento, com muitos dos teus filhos a nascerem como novos empresários — que todos os teus filhos tenham mesa para comer e comida para pôr na mesa; que não haja «pobres Lázaros» a querer saciar-se do que caía da mesa dos ricos, à espreita do potencial de riqueza que há. Para que tal não aconteça, só uma porta e um caminho: cultura da solidariedade em que a alma é o amor e a justiça.

Estamos em tempo de Natal. Sei que fora da porta está um monte de gente à espera. À espera de chapas para cobrir as suas casas.

Sei que não podem comprá-las porque é preciso muito dinheiro e este povo não ganha, sequer, para comer em meia dúzia de dias ao mês. Por isso, vou ajudar esta gente com a ajuda das mãos estendidas.

Estamos em tempo de Natal. Os filhos desta Casa do Gaiato andam alvoroçados, à espera da sua prenda. Vamos procurar descobri-la, sem gastar dinheiro que nos faz falta. O povo que trabalha conosco há-de levar o cesto cheio para celebrar a festa da Bondade de Deus.

Padre Manuel António

## ENCONTROS em Lisboa

### Filho Pródigo

**A**S vezes acontecem-me coisas felizes como, por exemplo, ter a sorte de me oferecerem pela mesma ocasião, o mesmo livro. Com a insistência, há uma certa esperança de que eu o leia e retire daí os ensinamentos que me querem transmitir. Aconteceu-me agora. Tive duas ofertas do mesmo livro: *O regresso do Filho Pródigo*. Achei que devia ler e, entretanto, já ofereci o outro, para que ele faça o seu trabalho de transmitir mensagens.

O livro parte de um quadro de Rembrandt e retrata a aventura espiritual do autor que, depois de fixar a reflexão em cada um dos personagens da parábola, acaba por se fixar de uma maneira profunda no Pai que envolve e acolhe o filho que tinha partido. Fui lendo e fui-me servindo de longa meditação. Na situação em que me encontro, muitas vezes esta parábola se poderia realizar. Nem sempre os frutos aparecem. Quem falha para que o Evangelho deixe de se realizar? O Filho Pródigo, ou o Pai?

Um destes dias, participámos no regresso do António Joaquim. Partiu em Agosto, depois de um longo período de turbulência aqui em Casa, onde a irresponsabilidade, a ronha, a falta de hombridade campearam. Partiu à aventura de vida mais fácil onde não tivesse que dar conta dos seus actos a ninguém. Nada o preocupava, nem estudos nem emprego nem amizades nem honestidade... Andou por lá cinco meses. Veio pedir para, novamente, poder fazer parte da nossa família... Que fazer? Como realizar, neste momento, a parábola?

Em nossas Casas muitas são as experiências felizes destes regressos e também se contam algumas experiências menos felizes. Não é fácil dizer onde se encontra a questão. Talvez o regresso não esteja suficientemente amadurecido. Talvez e, sobretudo, porque não teremos sido capazes de amar e perdoar o suficiente. Este último dado parece-me o mais correcto porque é também aquele que me toca numa situação destas: amar quem regressa com uma total disponibilidade, com a esperança sempre nova de uma total confiança em quem se aproxima de nós. Talvez nos falte a capacidade de fazer festa... Talvez também não sejamos capazes de o revestir de túnica nova e de lhe colocar no dedo o anel. A nossa vida é cheia de experiências que se acumulam; e fazer novas todas as coisas só o Espírito de Deus é capaz.

Nunca tive dúvidas de que o António Joaquim era nosso e que a Casa do Gaiato era a sua casa. Muitas vezes o sentia fugitivo no olhar, no comportamento e na afectividade. Sonhos de outras praias, miragens em desertos de crescimento humano. Bastou o aceno do lado de lá e ele aí vai à aventura, livre e leve que nem um pássaro, mas com toda a tolice que a irresponsabilidade engendra. Pediu para voltar. Não sei se desejei a sua vinda com a força que o devia fazer... Surgem no meu horizonte e na leitura que faço dos acontecimentos algumas nuvens que estragam a exuberância da festa do regresso. Um certo dia, um miúdo dizia-me:



## Vistas de dentro

### Os nossos meninos

**N**ESTA quadra de Natal devemos ter mais consciência da presença de Deus-Menino em todas as pessoas, sobretudo nas crianças. Em todas elas devemos ver Jesus-Menino. Termos a impressão de que são todas encantadoras.

Haverá alguém, neste nosso mundo, que não goste de crianças? Infelizmente, na sociedade que se diz civilizada, falta, muitas vezes, a alegria das crianças que é geralmente trocada

pelo prazer dos cãesinhos, ou outros bichos, ou outros prazeres. As crianças dão sempre sentido à nossa vida, são a grande prova do nosso amor humano.

Em todas as Casas do Gaiato há crianças. Não poderão ser muito bebés, pois não há quem as ajude a criar. Geralmente temo-las a partir dos dois anos. Estou a ver os meninos desta Casa: o Lipe, de dois anos; o Wilson, de três; o Pedrocas, de três também; o Mauro, com quatro; e outros logo a seguir. São todos eles encantadores e enchem

toda a nossa vida de encanto.

O grande centro de atenção dos nossos pequeninos é a Mãe Irene. Com noventa e quatro anos é a grande companheira para eles. Todos a tratam por Avó. As suas brincadeiras são à sua volta: brinquedos, jogos, mimos, lembranças. Tudo anda à volta da cadeira de rodas onde está a Avó. Ela é uma relíquia de bondade que Deus criou. É o elo de formação familiar destes pequeninos e dos outros. Que Deus a conserve.

O mais novo é o mais encantador. Aceita, com

grande naturalidade, o acolhimento e carinho de todos. Anda de colo em colo. Todos são seus amigos. Com a Avó ele tem carinhos especiais. E vê-lo todos os dias, no fim do jantar, ir levar um iogurte e colocá-lo no regaço dela: — *É à Bó*. E quando tem um mimo lá vai ele, escada acima, levar à Avó, que reserva sempre uma parte para ele. Nunca se vai deitar sem ir à porta da sala dar um beijo na mão e atirá-lo à Avó, que corresponde. Quadro maravilhoso!

Aos recreios e nos feriados andam por toda a parte e metidos com toda a gente. Todos têm alguma coisa para partilhar com os mais pequeninos: nos jogos, nos brinquedos, nas outras diversões.

É um quadro de muita ternura a nossa Missa de domingo. Todos os mais velhos procuram um dos mais novos para o ter ao colo, na Capela. Ensinam-nos a benzer e a rezar. Ajudam-nos a estar em silêncio. Vão preparando, assim, a sua paternidade cristã. Cada vez nos vamos consciencializando mais de que as crianças são um grande instrumento do amor que deve ligar e unir as famílias.

Sabendo nós que muitos dos nossos meninos vêm do grupo de «crianças refugiadas», grupo que no ano passado somava cerca de vinte e cinco milhões no Mundo, ficamos abismados com a violência que se faz às crianças. É necessário termos consciência de que elas são a imagem do Menino Jesus. Assim, não haverá crianças abandonadas.

Padre Horácio

— *O problema são os outros, quando estou sozinho até me porto bem. Concordei com ele porque, no segredo, sem plateia, ele até tem conversa e comportamento dentro da normalidade, mas quando aparece a plateia, perde-se...* Com o António Joaquim o meu problema é essencialmente esse... Até que ponto ele vai resistir aos cantos de sereia?

Gostaria que a festa fosse plena. Que o Natal nos traga luz. Como noutros tempos: «*O Povo que andava nas trevas, viu uma grande Luz*».

Padre Manuel Cristóvão

### PENSAMENTO

Senhor, dá que eu veja sempre, e somente, na Tua luz o valor do Pequenino desamparado. E que toda a riqueza, todo o êxito, todo o assombro da Obra da Rua seja o efeito duma missão divinamente cumprida.

PAI AMÉRICO

# Cinquenta e sete anos

Continuação da página 1

Vida escondida... — tempo de assimilação da Vontade de Deus para cada um; tempo de aprender a Humildade, «sem a qual, nada», como diria Pai Américo.

Também nele este período denso de mistério que conta desde o primeiro apelo ao sacerdócio, em menino, até à definitiva «martelada», aos trinta e seis anos, é deveras apaixonante. Quantas vezes «o Senhor lhe terá batido à porta e quanto esperou que Lha abrisse, para entrar e ceiar com ele e ele conSigo! Terá sido mesmo do Senhor que ele aprendeu a Esperança Activa que havia de marcar para sempre a sua espiritualidade. D'Ele e de Maria, a Serva sempre presente e disponível, não para fazer mas para deixar fazer em Si e por Si, a Vontade de Deus. Eis a Humildade «sem a qual, nada»! Eis o Humilde, «aquele que se deixa ultrapassar»!

Desde a ordenação sacerdotal até 1932, é ainda um tempo sofrido na Esperança Activa do seu caminho próprio. No dia de S. José desse ano, ouve-o da boca do seu Bispo: «Vá tratar dos Pobres». É Deus a falar pela Sua Igreja.

O que ele já supunha ter achado, o que ele queria, é agora sacramentado pela palavra fecundante de D. Manuel Luiz Coelho da Silva. É o princípio da Obra

que na rua iria ser gerada (sem riscos de aborto, bendito seja Deus!) e, oito anos depois, em Miranda do Corvo, com a primeira Casa do Gaiato, «nasceria pequenina, como é próprio das coisas destinadas a ser grandes».

Nesta pequenez se guarda a imensidão de valores do Amor Fraternal que nos envolveu estes cinquenta e sete anos e nos permitiu crescer à dimensão de hoje. Guarde-nos sempre o Senhor nesta fé.

Padre Carlos

— Olha aqui. Este é que é bom!

— Esse não presta. O meu é que é!

Os Rapazes estão altercando ruidosamente uns com os outros, quando chego junto deles.

— Deixem-me ver.

E aquilo que vejo são fotografias de jogadores, ídolos de papel que entusiasman estes Rapazes.

Mas, se vamos à carteira de muita gente, aí deparamos igualmente com ídolos.

Nos escaparates e montanhas, revistas coloridas mostram ídolos.

Nos estádios, em recintos abertos e fechados, amontoam-se multidões para ver e aclamar vedetas, os seus ídolos.

Nas praças públicas, nos jardins erguem-se ídolos de outras eras.

Bezerros de ouro do nosso tempo!?

## Os Pobres são a nossa verdadeira riqueza

Todas as épocas inventaram os seus ídolos: na religião, na política, nas artes, na música, no desporto.

Não discuto valores que os houve e há, mas não é lícito a ninguém tornar-se adorador de tais ídolos. Admirador, respeitador — já basta.

Nós, Padres da Rua, também temos os nossos predilectos: os Rapazes da rua, os Doentes sem cura, os Pobres sem amparo nem carinho — mas porque são imagem e presença do Único que adoramos, o Senhor do Céu e da Terra. Fazemos o que o Mestre manda e Pai Américo

CALVÁRIO

rico tão bem nos ensinou com a sua vida e palavra. Estes são modelo e exigência para o nosso viver.

Mas quem se abeira hoje dos Fracos e dos Pobres para neles encontrar cópias do viver, valores a seguir?

Nós dividimos o mundo em dois — os grandes e os pequenos, os ricos e os pobres, os inteligentes e os néscios.

Os primeiros são tentação frustrada para quem os deseja seguir. São realidades efémeras e falsas muitas vezes.

É sobretudo junto dos segundos que vamos descobrir a nossa verdade. Porque esta é fraqueza, pequenez, insuficiência. Só Deus é Grande, Sábio, Rico, Poderoso, Bom.

Por isso os Pobres são a nossa verdadeira riqueza,

porque nos ensinam a viver com aquilo que temos, a ser com aquilo que somos.

O caminhar com eles, o desejar ser como eles dá-nos paz no nosso viver. Quem se abeira dos Pobres descobre neles a verdadeira riqueza.

O Emanuel pede para sair na tarde de domingo. Quer ir beber um café. Dou-lhe uma moeda de cem e peço que, na volta, me entregue o troco. O Rapaz regressa com duas moedas de cinquenta, na mão. Deram-lhe o café e o dinheiro trocado. Felizes dos que não sabem contar o dinheiro nem precisam de o contar! Mas, mais feliz quem manifesta estima e predilecção por estes Rapazes simples.

Padre Baptista

TRIBUNA DE COIMBRA

## Ainda com sabor a Natal

É ainda com sabor a Natal que celebramos o 57.º aniversário desta Casa do Gaiato. A 7 de Janeiro de 1940 Padre Américo dava «corpo institucional» a uma intuição que lhe enchia o coração e a alma: «Tinha uma casa para eles...» Uma casa e uma família. Sem casa não pode haver família verdadeira, pois uma e outra condicionam a paz e a harmonia. E aqueles que nunca tiveram uma coisa nem outra perdem o gosto de a possuir.

Os primeiros, foram três pequeninos da Baixa de Coimbra. «Foi no beco do Moreno...» Desses, até aos nossos dias, centenas deles. Vamos ao número de registo 930. Uns permanecem meses; alguns há, que apenas dias. Mas a maior parte, longos anos e decisivos. Os da infância, da adolescência e da juventude. Muitos daqui saíram homens feitos e temperados para a vida que nem sempre se lhes afigura fácil apesar do bom acolhimento que por toda a parte têm «os Rapazes do Padre Américo».

Não seria preciso recordar o «parto» doloroso que encerra todo este processo educativo. Como diz o povo e bem: «Parir é dor, criar é amor...» De facto, sabemos que ninguém pode educar, de verdade, sem a marca da maternidade ou paternidade e, estas, comportam a marca do sacrifício e da cruz. Às vezes, vejo como algumas mães dos nossos abraçam os meninos quando chegam e o vazio que deixam e levam quando partem... O amor não é uma simples presença física, epidérmica. Pressupõe-na, mas ultrapassa-a infinitamente. De modo que quem educa ou ama tem de estar disposto à infinitude. E, de joelhos, é o modo de lá chegar — recorda-lápidamente o Pai Américo.

Aqui mesmo o êxito assinalável do projecto educativo nas nossas Casas do Gaiato — que Deus nos valha — não sem escolhos pelo caminho. Nestes cinquenta e sete anos daremos graças ao Senhor pelo que tem realizado e continuará a realizar em favor destes seus filhos — com a tua e a nossa ajuda.

Padre João

## Retalhos de cartas

O GAIATO é portador da Boa Nova. Tal como acontece a muitos leitores, abana-me muitas vezes e acorda-me da sonolência em que me encontro.

Assinante 18477

Leio sempre o vosso Jornal e ficam-me tantos desejos de ajudar os problemas vivos que nos dão a conhecer e nos fazem doer.

Vivi em Angola. Tive a felicidade de, em novinha, conhecer e ver até em minha casa o Padre Américo — amigo dos meus pais.

Tudo me liga à Obra da Rua...

Assinante 5146

Bateu à minha porta um senhor que desejava oferecer um donativo para a vossa Obra. Tinha visto no placar, no átrio da igreja, um «aviso» que coloco todos os anos lembrando os assinantes d'O GAIATO...

O dito senhor tinha feito o propósito de deixar de fumar e prometeu que, se o conseguisse, passaria a entregar à Obra da Rua o dinheiro que costumava gastar.

Assinante 6480

## SETÚBAL

HÁ cerca de um mês converti-me aos drogados!... Não te admires. Converti-me.

Dói-me brutalmente toda a doença, mas mais ainda a doença social.

Já me havia convertido às prostitutas quando, no contacto espiritual com a tragédia de cada uma, verifiquei que todas sofriam de imaturidade, esquizofrenia, epilepsia, abandono familiar e social, etc. Se encontrei alguma Mulher, ela com a nossa ajuda safu da lama e regenerou-se para a vida! Foram poucas porque muito poucas eram Mulheres!...

Dói-me! Dói-me muito passar pelas estradas de maior movimento no País e enxergar aqui e além magotes delas sentadas na beira do caminho à espera do cúmplice. É dor sem remédio e cada vez se acentua mais na minha pobre alma!

Com os drogados tinha um certo preconceito! Que Deus me perdoe o meu pecado, mas devo confessá-lo publicamente. Tinha, sim senhor!

Muitas vezes ouvi, de muitos casais, lamentos amargos dum sofrimento indescritível originado na incapacidade de lutar e vencer o flagelo da droga que vitimava os seus filhos. Muitas lágrimas vi cair de olhos vermelhos semelhantes aos da Mãe Dolorosa! Mas, mesmo assim, o meu coração não se havia voltado totalmente.

Quando passava com os meus rapazes no carro e víamos, como continuamos, a encontrar um número de jovens, nas paragens dos semáforos, nos lugares de estacionamento de veículos a estender a mão aos transeuntes, ouvia da boca dos meus: — Vai trabalhar malandro! Quase concordava com esta voz instintiva de quem foi e é educado no trabalho. — Vai trabalhar! Vai estudar! Procura uma vida digna!

## Toxicoddependência

Também eu me deixava arrastar irreflexivamente por estas expressões adolescentes! — reveladoras de um certo farsaísmo latente no meu íntimo.

Mesmo assim acho que a maior e mais eficaz propaganda contra a droga é feita automaticamente pelos seus pacientes! A evolução, na rua, do seu estado, adverte, só por si, muito adolescente e jovem.

Foi na casa de uma família drogada que me converti. Tinham-me pedido para os três filhos.

Aí vou eu, como sempre, analisar a situação dos miúdos.

Cheguei; e os rapazes de onze, nove e sete anos estavam lavados, limpiíssimos e bem vestidos em casa decente de pessoa amiga!

— Não é aqui que os quero ver. É lá na sua casa. É lá que quero falar com os pais. Não aqui.

— Mas têm tudo desarrumado...

— É isso mesmo que eu quero ver.

Os relatórios são papéis e as informações são palavras. Eu preciso de ver a vida.

Lá fomos. Acompanhava-me o Padre Júlio, de Paço de Sousa.

O pai dos pequenos por falta de droga tinha sofrido uma crise horrível de tremuras e dores, a tal ponto que a senhora interessada, o havia mandado tomar a dose.

A casa, um desalinho monstruoso!... O cheiro semelhante ao das barracas. Ali, sim. Ali, foi-me possível avaliar toda a tragédia! E conversar com os pais sobre a Casa do

Gaiato que iria acolher os seus filhos. A natureza dela: Uma casa de família para os sem-família. Com regras semelhantes às de uma família.

Não um Colégio. Não um Internato. Não um Lar. Que assumia os seus filhos como se fossem meus, para os fazer homens, etc. Uma conversa longa com muita explicação sobre a nossa vida, a nossa dedicação e o nosso método: De rapazes, para rapazes, pelos rapazes.

A mãe, uma pessoa nova, parecia uma sombra. O homem irremediavelmente destruído, agora mais sereno com a dose tomada, ia bebendo, em sonho, quanto lhe exprimia.

Agora, entendo, que um jovem drogado, em transe, sem droga, mate o próprio pai para conseguir ultrapassar o estado de sofrimento, que a falta dela lhe provoca.

A pessoa fica de tal modo cega e inconsciente que não olha a nada, senão ao meio de sair dali.

E os meninos são tão lindos! Com um mês de Casa perderam a cor macilenta. Só o mais velho me fala, de vez em quando, nos pais, manifestando saudade!...

Com a droga o mundo manifesta também a sua face hedionda... mas que Deus ama!

Como me alegra quando vejo, mesmo timidamente, a Igreja a arregaçar as mangas! Como exulto!... O problema é tão vasto que exige a mobilização geral de todos os homens de boa vontade. Mas é tão difícil e tão grave que só o poder de Deus encarnado em homens e mulheres que percam a vida encontrará solução para muitos!

É um desafio radical às águas mornas e bentas de tantas consciências religiosas!...

Padre Acílio